

5

Conclusão

5.1

Conclusões desta pesquisa

Ao término da pesquisa que resultou nesta dissertação, entendo que este estudo cumpriu seu objetivo e resultou numa análise favorável às hipóteses levantadas no projeto que o orientou.

Dada a avaliação de que as hipóteses da pesquisa foram verificadas, a epistemologia feyerabendiana de fato ainda não foi plenamente explorada em toda a sua dimensão. Possíveis razões para essa visão parcial da obra feyerabendiana são: o estilo panfletário e inflamado de seus textos, os problemas formais em argumentos contra o monismo metodológico e a favor do anarquismo epistemológico, bem como a defesa de posições ‘politicamente incorretas’ para oposição à cultura cientificista. Pelos resultados desta pesquisa, todos esses fatores colaboraram para uma má compreensão da epistemologia anarquista.

Contudo, ao realizar-se uma leitura através desses elementos, embora sabedores de sua existência, chega-se aos eixos norteadores do pensamento feyerabendiano: a defesa da pluralidade em virtude de uma posição humanista que prega o respeito à diversidade humana e busca viabilizar a realização das potencialidades do ser humano.

Daí, percebe-se que Feyerabend não era contra o método simplesmente por ser um relativista que evidencia a irracionalidade da ciência. O “contra o método” feyerabendiano vem de e atinge a domínios além da metodologia da ciência e suas eventuais características uma vez que a epistemologia anarquista integra o conhecimento [científico] a toda uma concepção de mundo. Na concepção feyerabendiana, o conhecimento não é uma decorrência lógica argumentativa de algum conjunto de princípios ou constatações de natureza exclusivamente epistêmica, ou cognitiva. A epistemologia anarquista pluralista assumidamente *faz parte de* uma cosmologia.

Nesse particular, Feyerabend é muito intenso, como se vê neste trecho da sua autobiografia:

Ainda lembro da excitação que senti ao ler Snell sobre a noção homérica do ser humano. Não se tratava de uma teoria formulada para ordenar um material independente, mas, um conjunto de hábitos que permeava tudo – linguagem, percepção, arte, poesia, bem como várias antecipações do pensamento filosófico.

(Feyerabend, 1994: p. 148, minha tradução)

Considero ser esta a principal mensagem da epistemologia feyerabendiana, que talvez passe despercebida diante de tantas expressões e palavras ‘hostis’ ao *status quo* cientificista, diversas incorreções formais e posições socio-políticas publicamente indefensáveis. Disto tratam as hipóteses que orientaram a pesquisa.

A primeira recomendação desta pesquisa seria, então, que este aspecto da epistemologia feyerabendiana fosse mais divulgado e discutido, de modo que ao se falar em Feyerabend não seja feita a descrição simplificadora: aquele que foi ‘contra o método’.

Uma segunda recomendação desta pesquisa seria um estudo referente à hipótese levantada ao final de sua realização, o possível paralelo entre o anarquismo pluralista e as características de sistemas complexos sob a abordagem agregativa. Naturalmente, essa hipótese teria que ser aprofundada, detalhada e formalizada, até para uma verificação de sua plausibilidade.

Concluimos, então, com um trecho muito significativo de epistemólogo Paul Karl Feyerabend, que expressa um sentimento permeado por sua epistemologia, onde

interagem conceitos, interpretações e os limites da linguagem bem como elementos que constituem a sua cosmovisão .

Um dos motivos pelos quais escrevi *Contra o Método* foi para libertar as pessoas da tirania de obfuscatórios filosóficos e conceitos abstratos tais como ‘verdade’, “realidade” ou “objetividade”, que estreitam as visões das pessoas e as formas de ser no mundo. Formulando o que pensei serem minha própria atitude e convicções, eu infelizmente acabei por introduzir conceitos de similar rigidez, tais como “democracia”, tradição ou “verdade relativa”. Agora que estou consciente disso, eu fico imaginando como pode ter acontecido. *A determinação para explicar suas próprias idéias, não de maneira simples, não numa estória, mas por meio de um “relato sistemático” é, de fato, poderosa.*

(Feyerabend, 1994 pp. 179-180, tradução e grifos meus)

5.2

Delineamento preliminar de uma hipótese nova para pesquisas futuras

Além do cumprimento do previsto no projeto, as leituras em referência neste estudo geraram o levantamento de uma hipótese nova, ainda em processo de formalização, e que poderá vir a ser objeto de futuras pesquisas. Essa hipótese tem relação direta com o objeto da pesquisa, a epistemologia anarquista pluralista de Paul Feyerabend e diz respeito a uma tentativa de aproximação entre essa epistemologia e as atuais pesquisas em complexidade sob o enfoque agregativo.¹

Assim, antes de finalizar esta dissertação, apresento este desdobramento inesperado da atual pesquisa, apenas como uma contribuição adicional e hipotética.

Esclarecemos que, embora em alguns trechos da obra feyerabendiana, o autor chega a usar o termo ‘complexidade’, nada indica que ele estivesse se referindo à complexidade no sentido sistêmico, o qual pretendo utilizar para traçar hipoteticamente o paralelo acima descrito. Embora estudos em complexidade já estivessem em andamento à época em que Feyerabend propôs o anarquismo epistemológico, talvez Feyerabend não tenha feito referência à complexidade sob o ponto de vista sistêmico porque as origens dessa teoria estão ligadas precisamente na busca de *uma* ordem, o que para o autor já estava fora de questão na sua fase anarquista pluralista. Contudo, como a perspectiva de compreensão da complexidade hoje está bem mais diversificada, acredito ser possível o levantamento de uma hipótese para a referida analogia, mesmo que de forma parcial, respeitando o pluralismo anarquista. Acrescento também que esse paralelo hipotético não surgiu a partir da leitura da palavra “complexidade”, a qual aparece destituída do seu sentido sistêmico nos textos de Feyerabend, e sim a partir das semelhanças entre as características do anarquismo epistemológico e as dos sistemas complexos. Note-se também que a eventual força dessa hipótese não reside no fato de haver algumas semelhanças isoladas entre o anarquismo epistemológico e os sistemas complexos

¹ Para esta breve apresentação será considerado o estado atual das pesquisas em complexidade agregativa conforme consta em **MANSON, S. M.**, *Simplifying Complexity: A review of Complexity Theory*, Geoforum 32 (3):405-414, ISSN 0016-7185, Elsevier, 2001.

mas no fato de essas semelhanças estarem entrelaçadas ao nível estrutural (composição das partes), relacional (troca de informação entre as partes) e funcional (produção de resultados) nos sistemas complexos e no “sistema epistemológico anarquista”². Com a finalidade de realizar uma apresentação clara e o mais sucinta possível, esta será feita sob a forma de itens.

5.2.1

A falta de unidade da ciência, os agrupamentos dos sistemas complexos em sub-sistemas e as interações entre as diversas disciplinas científicas

Para defender a pluralidade metodológica, entre outros argumentos, Feyerabend menciona a falta de unidade da ciência a qual, de certa forma, resulta de e é reforçada por uma falta de unidade de método entre as várias disciplinas científicas. Nas palavras de Feyerabend:

[...] vamos assumir que as expressões ‘psicologia’, ‘antropologia’, ‘história da ciência’, ‘física’ não se referem a fatos e leis mas a certos *métodos* para montagem de fatos incluindo certas formas de conectar observação, teoria e hipóteses. Ou seja, consideremos a *atividade* [denominada] ‘ciência’ a suas várias subdivisões.

(Feyerabend, 1975: p. 259, minha tradução, grifos no original)

Nesse trecho, vemos como a pluralidade metodológica gera uma multiplicidade no conhecimento científico. Para traçarmos o paralelo hipotético, a ciência será considerada um sub-sistema do sistema complexo ‘conhecimento’. Assim, dentro do sub-sistema ‘conhecimento científico’ formam-se sub-sistemas científicos de segunda ordem, ou seja, as diversas disciplinas científicas, tais como, física, psicologia, antropologia, história etc. Feita essa correspondência, vemos como aparece a semelhança entre as características dos sistemas complexos e das disciplinas científicas. Em ambos os casos, ocorre a tendência à formação de sub-sistemas, que se formam e se mantêm por meio da troca mais intensa de informação interna do que

² Por “sistema epistemológico anarquista” entende-se a epistemologia anarquista vista sob uma perspectiva sistêmica complexa de abordagem agregativa.

com outros sub-sistemas. É inegável que os elementos que compõem o sub-sistema de segunda ordem ‘antropologia’ trocam muito mais informação interna do que com o sub-sistema de segunda ordem ‘psicologia’, e assim por diante. O mais interessante desta semelhança é que, tanto nos sistemas complexos quanto na visão pluralista, a estrutura dos subsistemas e das diversas disciplinas se formam *a partir* dessas relações mais intensas representadas, na epistemologia pelas regras metodológicas, comuns a um dado sub-sistema, e que “montam” os “fatos” em cada disciplina científica, como vemos na citação acima.

Podemos citar ainda que, tal como nos sistemas complexos, há determinados fluxos de informação que permanecem restritos aos sub-sistemas assim formados. Aqui comparamos a crescente especialização dentro de cada disciplina científica, mesmo sem haver a necessidade de recorrer à epistemologia anarquista. O que observamos em nossa realidade acadêmica e nas pesquisas científicas é uma forte orientação para uma falta de integração entre os sub-sistemas de segunda ordem/disciplinas científicas, reforçada pela educação científica, e denunciada por Feyerabend. Entretanto, essa orientação de isolamento entre sub-sistemas não ocorre nem na teoria dos sistemas complexos nem na recomendação da epistemologia anarquista. Aliás, a falta de integração é considerada prejudicial nos dois contextos – complexidade e anarquismo epistemológico – evidenciando um paralelo estrutural, relacional e funcional entre ambos. Vale lembrar também que Feyerabend tenta mostrar que nos momentos de progresso científico essa integração de fato ocorreu, e é desejável que ocorra, a despeito dessa forte orientação contrária.

Vejamos agora um trecho onde Feyerabend emprega o termo complexidade sem estar-se referindo à complexidade sistêmica, porém, que ilustra de que maneira o anarquismo considera interessante a interação entre diversas formas de conhecimento, conforme acabamos de tratar.

[...] Mas a questão não é quais distinções uma mente fértil pode engendrar quando confrontada por um processo complexo ou como um material homogêneo pode ser subdividido por acidentes históricos; a questão é até que ponto a distinção criada reflete uma diferença real e se *a ciência pode avançar sem uma forte interação entre domínios distintos.*

(Feyerabend, 1975: p. 166, tradução e grifos meus)

5.2.2

As interações entre ciência e sociedade e as interações entre sistemas complexos e o seu meio ambiente

Num dos diversos momentos em que Feyerabend faz referência à relação entre ciência e o contexto sócio-cultural, ele propõe que tal relação deva ser estudada pela antropologia, fazendo novamente o uso da noção cotidiana – não sistêmica - de complexidade.

[...] Tal indagação, por outro lado, terá que explorar a maneira pela qual os cientistas de fato lidam com seus arredores, terá que examinar o efetivo formato de seu produto, ou seja, ‘conhecimento’, e a maneira pela qual esse produto se altera como resultado de decisões e ações em condições sociais e materiais complexas. Numa palavra, tal indagação terá que ser antropológica.

(Feyerabend, 1975: p. 260, minha tradução)

Depreendemos então que Feyerabend tanto considera relações entre as diversas disciplinas científicas, como vimos no item anterior em termos sistêmicos, como também considera as relações entre a ciência e seu ambiente externo sócio-cultural. Em termos sistêmicos tais relações seriam caracterizadas como relações extra-sistema. Interessantemente, essas relações extra-sistema da ciência com a sociedade, na recomendação de Feyerabend acima citada, devem ser abordadas via um sub-sistema de segunda ordem / uma disciplina científica, ou seja, a antropologia. Isto significa dizer que o sub-sistema científico realiza uma troca informações com a sociedade de maneira mais intensa por meio de antropologia, na visão feyerabendiana assumindo a hipótese do paralelo anarquismo-sistema complexo. Ainda no que se refere a troca de informações do sub-sistema científico com seu meio externo social, quando ocorre uma intensificação constante de fluxos de informação entre um sub-sistema e seu ambiente, há uma tendência à ‘fusão’ entre esse sub-sistema e o elemento externo que pertence ao seu ambiente. Como um exemplo desse tipo de ‘fusão’ na crítica epistemológica feyerabendiana – explorada no final do Capítulo II – apresentamos os fluxos entre o sub-sistema científico e a educação institucional, que faz parte do meio social externa à ciência. Tais fluxos tornaram-se tão intensas que a

educação institucional hoje praticamente faz parte do subsistema científico e vice-versa. Esse tipo de desdobramento também ocorre nos sistemas complexos, constituindo mais um paralelo estrutural, relacional e funcional.

5.2.3

Critérios de demarcação e o seu paralelo hipotético com o reflexo dos fluxos de informação na estrutura dos sistemas complexos

Iniciamos este item com uma citação que se refere à necessidade de interação entre teorias de domínios distintos para o desenvolvimento da ciência segundo o pluralismo metodológico, interações estas representáveis por fluxos de informações internos ao sub-sistema científico (entre as disciplinas científicas), internos ao sistema conhecimento (entre o sub-sistema científico e outros sub-sistemas do sistema conhecimento) e por fluxos externos (entre o sub-sistema científico e seu ambiente social externo).

Uma cientista que adotar uma metodologia pluralista, irá comparar teorias com outras teorias ao invés de fazê-lo com ‘experiência’, dados’, ou ‘fatos’ e ele tentará aprimorar ao invés de descartar os pontos de vista que parecem estar perdendo na competição. As [teorias] alternativas podem ser buscadas em qualquer parte – de mitos antigos ou preconceitos modernos, de elocubrações de especialistas e de fantasias de excêntricos. Toda a história de uma dada matéria é utilizada na tentativa de melhor aprimorar seu estágio mais recente e mais “avançado”. *A separação entre a história da ciência, sua filosofia e a própria ciência dissolvem-se no ar bem como a separação entre ciência e não-ciência.*

(Feyerabend, 1975: pp. 47-48, tradução e itálicos meus)

Feyerabend aborda nesse trecho precisamente o que ocorre nos sistemas complexos quanto aos fluxos de informação internos e externos. Esse paralelo hipotético ocorre em dois aspectos. O primeiro, quanto à importância desses fluxos na metodologia pluralista e nos sistemas complexos para a sua funcionalidade. O segundo, quanto à formação da estrutura dos sistemas complexos e também da estrutura que separa a ciência da não-ciência. Quando Feyerabend diz que a comparação entre teorias dos mais variados domínios “dissolve no ar” a demarcação entre ciência e não-ciência, nos sistemas complexos a intensificação de fluxos de informação promove um rearranjo na sua estrutura, resultando em eventuais “fusões” entre pelo menos dois sub-sistemas e entre um ou mais sub-sistemas e elementos do

meio externo. Nesse processo, tanto as ‘demarcações’ entre os diversos sub-sistemas quanto as ‘demarcações’ entre um dado sub-sistemas e seu meio externo são flutuantes e resultam da existência ou não dos respectivos fluxos informacionais. Novamente, a semelhança estrutural, relacional e funcional se verifica.

Também a partir da caracterização dos fluxos de informação externos ao sistema complexo, podemos traçar paralelos com a forma feyerabendiana de tratar os problemas da distinção entre a história interna e externa da ciência, associado ao problema da distinção entre contexto de descoberta (fluxo de informação aberto a outros sub-sistemas e ao ambiente) e o de justificação (fluxo de informação restrito ao sub-sistema científico).

Os fluxos de informação e as estruturas (demarcações) deles decorrentes terminam por atingir o conceito de racionalidade da ciência, dadas as interferências de fatores (fluxos de informação) não científicos (não racionais) na condução de pesquisas científicas por meio dos fluxos de informação com o meio ambiente social. Vale comentar que essa relação fluxo externo – racionalidade é válida apenas no caso de não haver distinção entre contexto de descoberta e de justificação. Caso contrário, o fato de haver fluxos de informação entre o sub-sistema científico e o ambiente externo sócio-cultural não afetaria a racionalidade científica pois o componente “irracional” ficaria restritos ao contexto de descoberta. É possível que, exatamente por este motivo, a argumentação feyerabendiana procura eliminar precisamente essa distinção. O trecho que se segue abarca toda essa linha de raciocínio, onde Feyerabend responde a uma crítica feita por Herbert Feigl, para quem a distinção entre os referidos contextos é válida:

[...] na história da ciência, padrões de justificação freqüentemente proíbem passos que são causados por condições psicológicas, sócio-econômico-políticas e outras ‘condições’ externas e a ciência sobrevive porque a prevalência dessas passos acaba por ser permitida. Assim sendo, a tentativa ‘de recuperar as origens históricas, a gênese e o desenvolvimento psicológico, as condições sócio-econômico-políticas para a aceitação ou rejeição de teorias científicas, longe de ser um empreendimento inteiramente diferente das considerações envolvidas em testes, leva efetivamente a

uma crítica dessas considerações – *contanto que* os dois domínios, pesquisa histórica e a discussão de procedimentos de teste, não sejam mantidos em separado ‘por decreto’.

(Feyerabend, 1975:p. 166, minha tradução e grifos no original)

Como dissemos anteriormente, Feyerabend acredita que as interações internas e externas estejam sempre ocorrendo, que o desenvolvimento científico possui um componente irracional necessário, a despeito da forte oposição racionalista. Para fins de nossa hipótese, no que concerne à interação entre ciência e não ciência e inexistência das distinções entre contexto de descoberta e justificação e história externa e interna, os fluxos de informação nos sistemas complexos apresentam semelhanças estruturais, relacionais e funcionais.

5.2.4

A contra indicação de hegemonias no anarquismo e nos sistemas complexos

Como já foi explanado anteriormente, a única restrição imposta pelo pluralismo anarquista é a recusa a ideais, regras, métodos ou princípios que levem a situações hegemônicas. Em termos sistêmicos, uma situação hegemônica se constitui por meio de estruturas rígidas, com raros ou nenhum fluxo de informação, limitadas a permanecer numa única forma estrutural.

Ao realizarmos o paralelo hipotético, a “recomendação” ou “prescrição” pluralista de evitar hegemonias se revela de uma maneira bastante pragmática. Sistemas que “se fecham” em relação ao seu ambiente e que reduzem a sua variedade e densidade de interação internas através da redução de fluxos entre suas partes componentes, tendem a perder “capacidades adaptativas” e “resiliência”. Esses conceitos estão relacionados ao contexto teórico darwiniano, e são compatíveis com a idéia de “favorecer a multiplicidade para aumentar as chances de adaptar-se para sobreviver”. Esse não parece ser o contexto feyerabendiano de inspiração humanista onde o favorecimento da pluralidade justifica-se na criação de condições favoráveis à realização da variedade do potencial humano. Assim sendo, embora as possíveis motivações para as transições num sistema complexo na perspectiva dos estudiosos

em complexidade agregativa e suas possíveis correspondentes na epistemologia anarquista apresentam naturezas distintas, a saber, busca pela sobrevivência e realização da variedade do potencial humano, as características de interação, relacionamentos e estruturação possuem os paralelos que traçamos acima. Neste caso, identificamos o paralelo apenas aos níveis estrutural e relacional porém o nível funcional apresenta uma clara distinção.

5.2.5

Irrracionalidade, emergência e representação

A questão da irracionalidade da ciência na epistemologia feyerabendiana, como já vimos, surge a partir de diversos ângulos: inexistência de um critério de demarcação que se verifique na prática científica, interação entre os diversos saberes (científico, místico, religioso, e estético/artístico), falta de distinção entre contexto de descoberta e de justificação, e incomensurabilidade entre teorias. Também já vimos acima possibilidades de paralelos hipotéticos entre a essas características da epistemologia anarquista e os sistemas complexos por meio dos fluxos informacionais, estruturas e funcionamento desses sistemas.

Netse item, trataremos de uma outra característica dos sistemas complexos, que consiste no surgimento de uma nova capacidade no sistema e que está além da soma das capacidades de suas partes componentes. Isso significa dizer que tal sistema apresentará *qualidades emergentes* que não são tratáveis analiticamente a partir das capacidades de suas partes. A emergência surge em função da sinergia, permitindo a formação de características de todo o sistema, as quais não resultam da superposição – ou de um efeito aditivo – das características de seus componentes. As características atingidas por emergência são proporcionadas a partir das interações entre os componentes. Daí decorre que os fenômenos emergentes estão, via de regra, além de nossas possibilidades de previsão ou controle. Por esse motivo, ao provocarmos alterações num componente ou sub-sistema de um sistema complexo, a previsão do comportamento de todo o sistema a partir dessa alteração só poderá ser

feita em curto prazo, uma vez que não há como prever a repercussão da alteração nas relações entre componentes, entre subsistemas, com o ambiente externo sócio-cultural e, conseqüentemente, nos fluxos de informação e energia que formam a estrutura interna do sistema.

Este conceito-chave parece muito relacionado à questão da possível sinergia entre os diversos sub-sistemas e também entre estes sub-sistemas e o meio ambiente sócio-cultural. Retomamos aqui a questão do contexto de descoberta, discutido acima, acrescentando-se que a ‘descoberta’ pode por hipótese ser entendida como uma qualidade emergente do funcionamento complexo do sistema conhecimento em interação com seu ambiente. Essa abordagem ao processo de descoberta suscita paralelos com a questão da irracionalidade da ciência – por resvalar na indistinção entre o contexto de descoberta e o de justificação – bem como porque nos estudos de sistemas complexos [...] “as qualidades emergentes... são comumente atribuídas à irracionalidade ou imperfeição [dos sistemas] porém, de fato são intrínsecas a interações locais, racionais e suas conseqüências não lineares” (Andreoni e Miller, 1995 *in* Manson, 2001: p.6, minha tradução). Naturalmente há que se pesquisar e aprofundar o significado de “racionalidade local”, e como poderia ser feito um paralelo desse conceito de “imprevisibilidade e conseqüências não lineares” entendido como aparente irracionalidade. Não pretendemos advogar aqui a existência de racionalidades locais ou condicionadas a formas vida, como preconizado pelo segundo Wittgenstein. Limitamo-nos apenas a sugerir uma hipótese sobre a possibilidade de um paralelo entre a ‘irracionalidade’ da descoberta e a ‘irracionalidade’ no comportamento emergente de sistemas complexos, o que nos parece ser uma pesquisa promissora.

Ainda com relação à emergência e à sua natureza não reducionista, os estudos sobre emergência enfrentam hoje um desafio para a representação e expressão matemática da emergência. Em termos anarquistas pluralistas, os estudos em sistemas complexos enfrentam hoje o desafio de buscar linguagens alternativas para expressar a sua busca por uma interpretação alternativa, ou seja, não reducionista.

Quando Feyerabend discorre longamente sobre a transição do universo grego arcaico, o qual ele denomina de cosmologia ‘A’ formada por coisas, eventos e suas

partes, para universo de substância –aparência de seus seguidores, que ele denomina cosmologia ‘B’, onde inserem-se as aparências e a distinção entre ‘muito saber’ e ‘conhecimento verdadeiro’, ele expõe as dificuldades de Aquiles na Ilíada em falar sobre uma situação pertencente à cosmologia ‘B’ numa linguagem que faz parte da cosmologia ‘A’.

[...] Aquiles quer dizer que a honra pode estar ausente mesmo que todas as suas manifestações exteriores estejam presentes. Os termos da linguagem que ele usa são tão intimamente ligados a situações sociais específicas que ele não tem palavras para expressar sua desilusão. Contudo, ele a expressa de uma forma memorável. Ele o faz ao realizar um uso incorreto da linguagem de que ele dispõe. Ele faz perguntas que não podem ser respondidas e faz solicitações que não podem ser atendidas. Ele age de uma forma extremamente “irracional”.

(Feyerabend, 1975: p. 267, minha tradução)

Novamente nos deparamos com um conceito de irracionalidade condicionado a uma cosmologia ou forma de vida, sobre o qual não nos aprofundaremos aqui. Contudo, chamamos atenção para a questão das limitações da linguagem, descrita por Feyerabend na citação acima e suas semelhanças com as dificuldades de representação dos comportamentos dinâmicos e emergentes dos sistemas complexos em linguagem matemática orientada ao equilíbrio.

Ambas as situações parecem trazer um problema semelhante, o da inadequação da linguagem corrente e disponível para expressão de uma nova interpretação, ou seja, segundo a definição feyerabendiana de interpretação, para a expressão de uma nova classificação e atribuição de propriedades específicas aos objetos que constituirão o novo fato observado (emergência).

As semelhanças entre as duas situações de busca por uma linguagem não param nesse ponto. Vejamos em maior detalhe a caracterização da cosmologia ‘A’:

Os elementos de A são partes relativamente independentes de objetos que se inserem em relações externas. Eles participam de agregados sem alterar as suas propriedades intrínsecas. A ‘natureza’ de um agregado particular é determinada por suas partes e pela forma como essas partes se relacionam uma à outra. *Enumere as partes na ordem apropriada e você terá o objeto.*

Isso se aplica a agregados físicos, aos humanos (mentes e corpos), aos animais e também a agregados sociais tais como a honra de um guerreiro.

(Feyerabend, 1995: p. 264, minha tradução)

A cosmologia ‘A’ constitui a visão reducionista que, conforme já mencionamos, é aquela que os estudos em sistemas complexos pretendem superar. Feyerabend, com suas idéias “anarquistas”, pretendia superar a visão do monismo metodológico e dos ideais de racionalidade, verdade, objetividade e honestidade que compõem a cosmologia monista, expressável na precisão da linguagem lógica.

Na citação que se segue, completamos o quadro do paralelo hipotético que encontramos entre as dificuldades declaradas por pesquisas em complexidade e as dificuldades de Feyerabend em lidar com a linguagem lógica reducionista para descrever o anarquismo pluralista. Novamente aparecem o termo ‘complexo’ e a referência à abordagem histórico-antropológica que tivemos oportunidade de mencionar anteriormente neste capítulo.

Meu propósito é encontrar uma terminologia para descrever certos fenômenos histórico-antropológicos complexos, os quais são apenas imperfeitamente compreendidos, e não a definição de propriedades de sistemas lógicos especificados detalhadamente.

(Feyerabend, 1975: p. 269, minha tradução)

Assim, julgamos finalizada esta tentativa inicial de formulação de uma hipótese preliminar para a realização de uma aproximação entre a epistemologia anarquista pluralista e as recentes pesquisas em sistemas complexos sob abordagem agregativa, sugerindo que Feyerabend talvez estivesse buscando interpretar e comunicar algo semelhante ao que buscam interpretar e comunicar hoje os pesquisadores nessa abordagem à complexidade.